

R4: Manifestos críticos por uma alimentação saudável

Com base no artigo de Elaine de Azevedo (2015)

Ana Júlia Souza; Ana Doretto; Diogo Costa; Bruno Fonseca;
Débora de Campos; Débora Zanatta; Gabriela Akiko Oi;
Giovana Moreira; Giulia Cardoso; Natália Peccin; Victória Gaspar

Em artigo sobre o ativismo alimentar, Elaine de Azevedo (2015) realiza uma releitura de temas que englobam o **locavorismo**, movimento de dimensão mundial em favor de uma alimentação saudável. Este movimento mobiliza a noção de *food miles* proposta por Tim Lang, na década de 1990 que se refere à distância percorrida pelo alimento durante seu processo produtivo e aos seus impactos ambientais. Logo, além de um movimento estritamente alimentar, o locavorismo se caracteriza também como uma **bandeira ambiental**.

A discussão desenvolvida no artigo se baseia, inicialmente, na construção do conceito de **local**. Para a autora, além da dimensão estritamente geográfica, suas definições mais abrangentes concebem a localidade como um espaço de interações sociais e culturais. Com esta ótica, o locavorismo visaria desenvolver “relações econômicas mais justas, processos de emancipação de indivíduos, experiências afetivas e pessoais ligadas à promoção de valores e construção coletiva da cidadania e do processo civilizatório”.

Neste quadro, a noção de alimento local não é muito clara. Por vezes, é definida a partir de métricas da distância produção/consumo, que podem variar entre 48 km e 440 km, de acordo com o autor. Embora existam estas divergências, alguns princípios são convergentes para a identificação de adeptos ao consumo de alimento local: os *locavores* (praticantes do locavorismo) são indivíduos que apreciam o ato de cozinhar e dividir experiências na cozinha, com a busca por diversidade de sabores e com o interesse em gastronomia. Manifestam apreciar o cultivo de hortas domésticas e consomem alimentos orgânicos. Suas motivações se associam à intenção de mobilização da economia local graças sobretudo à venda direta do produtor ao consumidor; de redução de desperdícios de energia e de diminuição de riscos alimentares devido ao mais fácil rastreamento da produção.

Do ponto de vista dos produtores, a participação em circuitos curtos é ligada às preocupações com a ética, com a manutenção do modo de vida rural, com o enraizamento social, com as conexões sociais e com o reestabelecimento da confiança em torno da alimentação. O alimento local reflete assim ideais de promoção da agricultura urbana, de aproximação cidade/campo e de valorização de sistemas agroalimentares sustentáveis. Ainda são preocupações dos *locavore* o bem-estar animal, o consumo excessivo de carne e a sazonalidade da produção agrícola. Neste

movimento em favor da alimentação local, os temas do vegetarianismo¹ e feminismo ganham destaque.

No caso dos debates feministas, o locavorismo pode levar a pensar que o preparo do alimento é tarefa da mulher, que seria a única responsável pela oferta de alimento saudável para a família. Ou seja, autores críticos chegam a considerar que este movimento significa o retorno de papéis tradicionais de gênero. Em sala de aula, ocorreu uma longa discussão sobre outra perspectiva, aquela de maior participação do homem nas tarefas domésticas, permitindo assim a revalorização do ato alimentar.

O locavorismo leva à também à discussão da **democratização do ato de alimentar**. Diante da monopolização do comércio em grandes redes varejistas, constitui uma forma de resistência ao processo de globalização excludente. Trata-se então da reiteração de uma atitude consciente e sustentável, favorável à saúde de seus praticantes e ao mesmo à melhoria das condições sociais.

Esta perspectiva de alimentação saudável está presente no Slow Food. Este movimento social defende que “todos têm o direito fundamental ao prazer de comer bem e conseqüentemente têm a responsabilidade de defender a herança culinária, as tradições e culturas que tornam possível esse prazer.” No âmbito do Slow Food, foi concebida a noção de ecogastronomia, reconhecendo as fortes conexões entre o prato e a saúde do planeta. Bom, limpo e justo é o slogan do movimento: bom é associado ao prazer de conhecer o alimento e apreciar seu sabor; limpo se refere a uma produção cuidadosa com o meio ambiente e com a saúde dos seres humanos e dos animais e; justo diz respeito à valorização do trabalho dos produtores. Nesta ótica, mais que consumidores, seríamos **co-produtores**. Ou seja, o apoio efetivo aos produtores zelosos com a saúde, a sociedade e o meio ambiente tornam os consumidores parceiros no processo de produção.

Quanto às controvérsias em torno do locavorismo, convém mencionar as dúvidas por exemplo em relação à economia de energia ou à redução dos riscos alimentares em razão do consumo de alimento local. Por outro lado, outras visões críticas alertam para eventuais oportunismos e fraudes em razão de uma demanda crescente por uma alimentação local ou para a inadequação dos sistemas de distribuição para atender com alimentos locais os consumidores. Ainda neste campo, são apontados os problemas de pesquisa limitada e ausência de informação do consumidor, além de incertezas relacionadas aos requisitos de segurança sanitária para a produção e comercialização local de alimentos.

Referência bibliográfica

AZEVEDO, Elaine (2015). O ativismo alimentar na perspectiva do locavorismo. **Ambiente & Sociedade**, 18(3), 81-98.

¹ Muitos defensores do vegetarianismo consideram que o maior problema para a saúde e o meio ambiente é o consumo de carne. Assim, relativizam muito a participação no movimento em favor do alimento local.